



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/devolver-o-misterio/>

Devolver o mistério ao humano - ressonâncias cosmopoéticas e alteridades radicais

Carolina Cantarino Rodrigues[1]

RESUMO: Há uma brutalização da vida que envolve as dimensões materiais intensivas da realidade e dos corpos viventes. O cuidado e a atenção às relações e aos vínculos afetivos constituem-se então como uma emergência política. O presente artigo propõe pensar essas questões na companhia de obras da filosofia contemporânea dedicadas às singularidades e às possibilidades de reviravolta da destruição em curso.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade. Linguagem. Política.

Returning the mystery to the human - cosmopoetic resonances and radical otherness

ABSTRACT: There is an ongoing brutalization of life that involves the intensive material dimensions of reality and living bodies. Care and attention to relationships and affective bonds thus constitute a political emergency. This article proposes to think about these questions in the company of works of contemporary philosophy dedicated to the singularities and the possibilities of reversal of the ongoing destruction.

KEYWORDS: Materiality. Writing. Politics.



O sonho da clareza e da transparência

São múltiplos os modos de fazer existir as dimensões opacas do real que não podem ser percebidas a partir de uma experiência corpórea baseada nos cinco sentidos humanos da audição, tato, paladar, olfato, visão.

Da perspectiva dos modos de conhecer baseados nessa experiência sensível - sensorial -, as dimensões microfísicas da realidade - por exemplo, o infinitamente pequeno das partículas subatômicas que compõem a matéria e o infinitamente grande das galáxias do universo formadas por centenas de bilhões de estrelas (Novello, 2018) - permanecem como um mistério obscuro.

A concepção einsteiniana do universo - que inclui, além das três dimensões espaciais e extensivas, a *intensidade do tempo em seu devir* como uma quarta dimensão da realidade - esgota o *dialeto newtoniano* (Novello, 2018), tornando possível a invenção de novos modos de pensar, conhecer e viver.

Da transcendência da contracultura do século XX - e suas diversas técnicas de acesso às dimensões materiais intensivas da realidade como o transe possibilitado pela música e pelas substâncias psicodélicas alteradoras da consciência - à filosofia e seus conceitos, o que se observa é que tanto a desvinculação entre a noção de verdade e a realidade sensível quanto os limites da experiência corporal fenomenológica obrigam o humano às alianças políticas com as tecnologias (Barreto, 2017).

Nesse contexto é que ocorre a chamada *virada cibernética* (Santos, 2003), uma conexão entre as ciências, as tecnologias e o capitalismo que cria as condições de possibilidade não só de acesso mas de intervenção e alteração das dimensões materiais intensivas da realidade e dos corpos. As tecnologias da informação e da comunicação e as biotecnologias constituem-se enquanto suas principais expressões, inaugurando novas possibilidades de conversão e extração dos fluxos vitais através da *informação* digital e genética.

Emerge aqui o *estranho sonho de clareza e transparência* de um mundo em que tudo possa ser traduzido na linguagem da informação (da codificação digital e/ou genética) e que seja capaz de atravessar toda e qualquer turvação dos corpos e da realidade - uma *informática da dominação*



(Haraway, 2009) que deseja abrir totalmente o mundo à possibilidade ilimitada de ser conhecido, abolindo dele qualquer *mistério* e *opacidade*.

A virada cibernética não se restringe ao campo tecnocientífico e reverbera, também, na filosofia. Conceitos como o de *máquina, servidão e agenciamento maquínicos*, de Deleuze e Guattari (1997), por exemplo, permitem pensar a acoplagem entre os processos de subjetivação e os fluxos materiais quando se trata das dimensões intensivas da realidade.

Deleuze e Guattari pensam a produção de subjetividade através da interseção entre os dispositivos de *sujeição social* e os de *servidão maquínica*, entre a macro e a micropolítica, entre as semióticas significantes e simbólicas que produzem significados e sentidos no plano da cultura, do discurso e da linguagem, e a pragmática dos signos assignificantes que atingem os corpos, produzem afetos, modos de existência e realidades (Lazzarato, 2014).

A subjetividade produzida pela sujeição social atribui identidades aos sujeitos (ou o que se convencionou denominar como “marcadores sociais da diferença” como raça, classe, gênero, sexualidade, espécie), convertendo, cortando e segmentando os fluxos materiais em uma série de dualismos (sujeito/objeto, indivíduo/sociedade, humano/animal, branco/negro, homem/mulher, natureza/cultura).

A servidão maquínica, por sua vez, opera na dimensão material intensiva da realidade e seus fluxos vitais, dessubjetivando os sujeitos, não mais unificados em um “eu”, não mais distribuídos nas identidades, nos dualismos e suas oposições hierarquizadas da sujeição social. A constituição subjetiva aqui não reside mais num indivíduo substancializado e nem nos pares de oposição identitários, e sim nos *agenciamentos* cujo foco são as relações e os modos de engajamento e acoplagem nos fluxos vitais.

Para Lazzarato, as teorias críticas contemporâneas[2] têm tratado da questão da subjetividade apenas no plano da sujeição social, negligenciando a servidão maquínica. Mas é nesse *universo maquinocêntrico* (Lazzarato, 2014, p. 57) que se instaura principalmente a partir da virada cibernética - e que difere da máquina antropológica erigida pela modernidade (Agamben, 2021) e sua política da identidade e da sujeição social - que o combate político também está posto segundo



abordagens micropolíticas contemporâneas (Rolnik, 2018; Preciado, 2008) dedicadas à microfísica dos saberes, poderes e subjetivações.

Nesse contexto, propomos, a seguir, pensar possíveis reviravoltas do desejo de abolir o mistério do humano na companhia de obras e autores para os quais, diante da perda da espessura, não só do humano, mas de toda matéria viva, é preciso de reivindicar para as relações entre os corpos vivos o direito à opacidade:

“Não apenas consentir no direito à diferença, mas, antes disso, no direito à opacidade, que não é o fechamento em uma autarquia impenetrável, mas a subsistência em uma singularidade não redutível. Opacidades podem coexistir, confluír, tramando os tecidos cuja verdadeira compreensão levaria à textura de certa trama e não à natureza dos componentes. Renunciar, por um tempo talvez, a essa velha assombração de surpreender o fundo das naturezas. Seria grandiosa e generosa a iniciativa de inaugurar tal movimento, cuja referência não seria a Humanidade mas a diferença exultante das humanidades” (Glissant, 2008, p. 53).

Reviravoltas do desejo de abolir o mistério

Há uma *brutalização da vida* em curso cujas consequências são decisivas para o futuro dos vivos na Terra. Essa é a avaliação que Achille Mbembe faz sobre o mundo contemporâneo. Trabalhando com um extenso material etnográfico, Mbembe concebe o *Brutalismo* (2020) como uma imagem-pensamento (Mbembe, 2020, p. 15), uma matriz de forças das quais podem se desprender uma infinidade de situações concretas e singulares.

Técnicas de fraturamento, combustão, quebra, fissuração, depleção, intoxicação, punção, demolição - um conjunto de procedimentos de *extração* - compõem o Brutalismo, evidenciando como ele interpela materialmente os corpos vivos em sua dimensão intensiva, vibrátil, energética, psíquica, inconsciente, química, molecular.

Para Mbembe, o cálculo e quantificação do mundo digital, a economia em sua forma neurobiológica e a carbonização integram essas técnicas de interpelação dos vivos, e na confluência entre dados, células e neurônios é que os corpos estão sendo convertidos, pelo capitalismo, em matéria para extração de energia viva num processo de *universalização da condição negra* (ou *dever negro do mundo*).



A emergência desse processo se dá com a *plantation* escravista-colonial-capitalista, primeiro laboratório biopolítico a operar a conversão dos corpos escravizados e racializados em matéria-prima e mercadoria para extração de força vital, e que antecipa o horror do estado de exceção e do campo de concentração nazista.

Agora, esse processo de conversão se estende a todos os viventes, com o Brutalismo reatualizando a *lógica do extermínio* ao identificar como matáveis de antemão certos corpos viventes (humanos, animais, vegetais, minerais) cujas forças vivas serão expropriadas, de diferentes maneiras, pelo capital.

O Brutalismo também envolve uma intensificação da valorização da segurança e o temor do desconhecido - o medo do *mistério* -, o que implica na vigilância, no monitoramento e no *juízo* constantes dos modos de aparição e existência, e um processo de *fronteirização* (Mbembe, 2020) que, em vez da abertura à diferença e à criação de vínculos, suscita os mais diversos tipos de encarceramento, separação, isolamento e clausura dos corpos e das mentes: dos presídios aos campos de refugiados, da valorização narcísica de si mesmo e da semelhança entre aqueles considerados iguais (por pensar ou viver da mesma maneira) à indiferença e o desejo de aniquilação dos corpos outros considerados abjetos, excedentes, dejetos, resíduos descartáveis. A *fronteirização* se coaduna assim com a própria *despolitização da política*, na medida em que esta deixa de ser criação de relações e vínculos entre corpos diferentes para se resumir à guerra, ao policiamento, à logística, gerência e administração dos corpos.

Em meio à brutalização também emerge o estranho sonho de uma humanidade transparente para si mesma, desprovida de mistério, o desejo de um mundo claro, sem opacidade, sem nenhum atributo noturno. Para Mbembe, a totalização pretendida pelo Brutalismo deseja abolir o mistério do humano (Mbembe, 2020).

Mas será que isso é possível?, pergunta o filósofo.

Para Mbembe, o terror e a monumentalidade do Brutalismo desafiam a própria experiência de pensamento, convocando à uma imaginação radical. Então, numa *reviravolta espetacular*^[3], Mbembe convoca o pensamento afrodiaspórico em seus diferentes modos de expressão (o afropessimismo[4], o afrofuturismo[5] e o afropolitanismo[6]), cada um deles contando com um



rico acervo de tecnologias radicalmente distintas das técnicas da brutalização: a ficção científica, a música, o cinema, a filosofia, a autobiografia. Concebidas como *atos vibratórios*, essas tecnologias importam politicamente porque transpõem os limites do que é dado como única realidade, modo de vida e futuro possível, criando outros movimentos e direções para os fluxos vitais a partir da capacidade de reatualização de uma reserva de potência chamada *África*.

Vibranium da Terra com gigantescas jazidas animistas (Mbembe, 2020, p. 31), o devir planetário da África coexiste ao devir negro do mundo, podendo vir a proteger a matéria viva contra as forças da brutalização, promovendo uma efetiva reparação da Terra e repatriando o humano ao mistério do Cosmos.

Mas qual humano?

“Essa propriedade de nunca atingirmos um nível de plena transparência para nós mesmos e para os outros talvez seja, em última instância, a nossa identidade”, afirma Mbembe (Mbembe, 2020, p. 109). Retomando o direito à opacidade, o filósofo concebe o humano a partir das antigas metafísicas africanas do devir para as quais a pessoa humana era definida pela riqueza em energia vital e pela capacidade de estar em ressonância com os minerais, plantas, animais e outros viventes que povoam o universo.

Aqui o humano só pode existir na relação com os outros viventes e sob o signo da circulação generalizada da vida:

“Como filha primogênita da Terra e ao mesmo tempo o membro mais jovem da humanidade, abriga sob sua crosta e em suas entranhas energias inesgotáveis, um passado de feridas, mas também poderosos tesouros, necessários em tempos extremos. A África habita essas memórias de provação e cura como seu fulgurante lar” (Mbembe, 2020, p. 11).

*

*

*



A perda da espessura e da opacidade, não só do humano, mas de toda matéria viva também está presente na literatura de Phillip K. Dick. Sua ficção científica ressoa a virada cibernética, e é a partir dela - de sua linguagem e suas tecnologias - que a vida, o humano e a máquina tornam-se transparentes entre si, ao passar a compartilhar um mesmo modo de existência ao serem convertidos em *informação* (Santos, 2003).

Ao pensar com a obra do escritor estadunidense, David Lapoujade (2022) afirma que a ficção científica de Dick pensa por mundos, ou seja, cria e multiplica mundos. E quando adentramos o pluriverso de Dick, se há mundo antropocêntrico, este foi destruído, já que os princípios de realidade, de causalidade e de identidade da máquina antropológica desmoronaram. O mundo comunicacional moderno dos humanos entre si, dotados de razão e de fala aos quais, por isso mesmo, caberia a política também não existe mais. Não há mais esfera pública para acomodar interesses e alcançar consensos. Não há mais assembleias, parlamentos e diplomacias, nem o cosmopolitismo dos sujeitos pensantes e o violento apaziguamento das diferenças e dos dissensos, nem contrato, negociação, convencimento ou conciliação. O que existe é a *guerra entre mundos*.

Essa guerra é encenada como uma guerra entre psiquismos. Psiquismos entendidos como movimentos entre a consciência e o inconsciente. Lapoujade nos lembra que, nos livros de Phillip K. Dick, todas as lutas são mentais, psíquicas (Lapoujade, 2022), na medida em se dão na dimensão material intensiva da realidade, onde, por conta da cibernética, o cérebro pode se acoplar a um computador, onde, também, por conta do inconsciente, coincidências podem acontecer entre mentes e mundos que se relacionam sincronicamente e não mais a partir de uma causalidade ancorada em relações de causa e efeito.

Nesse sentido, como sublinha Lapoujade, com a literatura de Dick, *todos os problemas tornaram-se problemas de comunicação* (Lapoujade, 2022). Não se trata de um modo de comunicação concebido na chave humanista ou antropocêntrica da linguagem, da semiótica significativa, dos conteúdos, representações, significados e sentidos. Em vez da substancialidade do eu, do sujeito dotado de consciência e fala e que faz do mundo seu objeto de conhecimento, do indivíduo como *coisa pensante* o que existem são *corpos* afetados por signos e modos de comunicação que se efetuem na dimensão intensiva, energética, inconsciente, psíquica, virtual da realidade.



Na obra de Phillip K. Dick, o sonho de uma humanidade transparente para si mesma, desprovida de mistério, torna-se um pesadelo fascista. A sincronização, uniformização e homogeneização do mundo da clareza e da transparência - que traduz as diferenças em um mesmo código informacional - faz com que não haja mais diferença que faça a diferença. O mundo então se desintegra numa entropia onde tudo se indiferencia e se iguala. Desse modo, desejar a guerra, desejar viver em um só e único mundo - através da aniquilação de outros mundos - é desejar de modo niilista não só a destruição dos outros mundos mas a destruição suicida de si mesmo.

Mas, como já foi dito, na literatura de Phillip K. Dick habitamos um pluriverso por isso também é possível testemunhar uma *reviravolta espetacular* quando o modo cibernético de comunicação se torna um modo possível - de um mundo possível - num universo em contínuo devir. Em meio à dimensão virtual da realidade, as tecnologias de informação e comunicação não são as únicas possíveis a operar as individualizações de novas realidades. Há também as sincronidades possibilitadas pelo inconsciente coletivo junguiano, o I-Ching, drogas psicodélicas, a telepatia, as mensagens subliminares, as religiões, o delírio. “Nos romances de Dick, os traficantes são tão poderosos quanto os deuses, já que eles fornecem mundos paralelos assim como os deuses são fornecedores de realidades” (Lapoujade, 2022, p. 50).

Há também a própria *ficção* provendo, *cosmopoeticamente*, novos mundos e realidades.

Do mesmo modo que não há somente a comunicação cibernética, a guerra não é a única possibilidade de relação entre mundos. A empatia - noção pouco nítida da obra de Phillip K. Dick segundo Lapoujade (2020) - é o que permite circular entre mundos, é o que permite um outro modo de comunicação que também não se efetua na chave antropocêntrica. Ele se torna possível quando se participa de um comum subjacente, composto de movimentos não verbais ou linguísticos mas *afetivos*.

Uma comunicação “mais musical, rítmica ou silenciosa do que ligada à linguagem” (Lapoujade, 2022, p. 144), a empatia, simpatia, confiança ou mesmo o amor se abrem ao mundo desconhecido em sua materialidade intensiva, permitindo, mais do que o encontro entre sujeitos, *o encontro entre corpos em sua alteridade radical*. Encontro de natureza distinta da abstração digital permitida pela linguagem cibernética já que esta, por sua vez, leva ao isolamento em um mundo fechado sobre si mesmo, num circuito de redundâncias, convertendo, homogeneizando e destruindo as diferenças.



Se há o mundo fechado da *vida artificial*, da *androidização do humano* dominado pela máquina onde *os donos do mundo* - o exercício dos saberes e poderes dos engenheiros, técnicos, industriais, gestores - estão dedicados à programação, à administração e à logística que projeta, planeja e, assim, deseja controlar antecipadamente as ações e o futuro; à valorização da obediência e da previsibilidade; ao cultivo da inteligência do hemisfério esquerdo do cérebro; à indiferença, à desconfiança ou à fixidez da paranoia diante da aparição de qualquer outra existência tida como ameaça...

Há também mundos habitados por artesãos, trabalhadores manuais, reparadores, artistas, escritores, hackers, androides de oposição[7]... São eles e elas *os sobreviventes*, os que aparecem após a catástrofe e a destruição - seja ela atômica e/ou psíquica -, em meio às ruínas e aos destroços da guerra, para reativar a circulação da vida, reanimar a intuição do hemisfério direito do cérebro e o trabalho com as mãos, retomando a vitalidade através do contato com a matéria viva e com a imprevisibilidade da criação.

O trabalhador manual como personagem conceitual na ficção científica de Phillip K. Dick é aquele que brinca com os materiais, reativando em si a força da inocência da criança, afirmando o direito de não saber de antemão o que se é capaz de fazer e o que os outros são capazes de fazer, já que as habilidades não estão dadas como conhecimentos especializados mas como práticas a serem testadas e experimentadas.

O trabalhador manual - o que escreve, o que pinta, o que constrói, o que conserta, o que cria - é o herói na ficção científica de Phillip K. Dick, é aquele/a que, diante da transparência previsível da vida artificial volta a defender o direito à opacidade, à indeterminação do humano e das coisas.

Ressonâncias cosmopoéticas e alteridades radicais

Como reverter os fluxos vitais em outras direções e movimentos que não os da sua expropriação material? Essa questão também se faz nos trabalhos de Donna Haraway e Laymert Garcia dos Santos, autores que também pensaram a virada cibernética e promoveram *reviravoltas espetaculares* em seus trabalhos afetados pelas *ressonâncias cosmopoéticas* e as *alteridades radicais*.



Sociólogo da tecnologia dedicado a politizar a virada cibernética e a capitalização que ela faz da vida, há um livro recente de Laymert Garcia dos Santos dedicado à poesia (Santos, 2019). Nele, Santos lê a obra do Conde de Lautréamont buscando descrever como este poeta do século XIX criou com o livro *Os Cantos de Maldoror* um ritual inatual e intempestivo de travessia e cura do niilismo, uma experiência-limite de desbloqueio e livramento das forças da negatividade, da morte e da destruição que desejam expropriar a vida.

Fora de qualquer foco interpretativista ou semiótico, no livro *Às voltas com Lautrèamont* a capacidade de afetar o corpo é o que define a própria *poesia* concebida como uma *corrente condutora de energia* (Santos, 2019), um modo de comunicação entendido como ressonância intensiva que mobiliza o corpo por meio de reverberações entre o corpo do texto e o corpo do/a leitor/a.

A força poética pode então afetar a própria a escrita, combatendo desde dentro o empobrecimento da linguagem quando esta é afetada pelo sonho cibernético da clareza e da transparência que deseja converter tudo ao código informacional

“Dizer é momento de produção de afirmação, que surge no bojo de um movimento. Movimento de expulsão, de esconjuro, de exorcismo das forças da morte que se apropriam da energia vital, voltando-a contra ela mesma”
(Santos, 1989, s.p.)

Além disso, a força poética que pode tomar a escrita - *a escrita como cosmopoética* - faz com que esta não diga sobre a alteridade, mas propicie tanto ao escritor/a quanto ao leitor/a as condições para que ele/a possa vir a se tornar outro após a escrita e a leitura. Não se escreve, portanto, para relatar uma experiência vivida, não se escreve sobre a experiência - faz-se da escrita-leitura uma experiência, uma experimentação: a escrita-leitura que propicia ao escritor/a-leitor/a as condições para uma experiência de alteração corporal, de *alteridade radical*.



A alteridade radical possibilitada pela *escrita como cosmopoética* configura-se então como um exercício político já que é preciso inventar modos de se combater os poderes, saberes e as subjetivações que assujeitam os corpos, querendo obstaculizar tudo o que eles possam vir a criar e se tornar. Escreve-se e se lê então para inventar modos de não se deter nas identificações que a sujeição social inscreve nos corpos, querendo roubar o direito de cada corpo vivente tem de diferir de si mesmo, de experimentar outras possibilidades de vida e de existência.

Ao suscitar a experiência da alteridade radical, a escrita com suas ressonâncias cosmopoéticas configura-se, portanto, como um modo de defender e exercitar o direito à opacidade (Glissant, 2008).

Escreve-se para silenciar as vozes e escutar as dicções singulares dos corpos viventes. Por isso escrever não é romper o silêncio, mas falar o silêncio que é a vida (Santos, 1989). Escrever é multiplicar as dicções singulares dos corpos vivos, que nascem dos corpos que precisam lutar para se fazer vivos diante da *civilização da voz imensa*, que deseja assujeitá-los, submetê-los e domesticá-los. Escrever diz respeito à experiência da agonia do desmoronamento dos sujeitos assujeitados pelas sujeições sociais. Vencido *o medo do mistério e do desconhecido*, os corpos se abrem ao mundo, e se dispõem de modo vulnerável às suas forças, recuperando “... o tato das coisas e das matérias, [é] o contato renovado e ampliado com a realidade primeira da vida, a realidade do sopro [vital]” (Santos, 1989, s.p.).

* * *

Escrever as dicções singulares dos corpos vivos... Talvez essa seja uma definição possível das ressonâncias cosmopoéticas e alteridades radicais que emergem das obras de Donna Haraway para quem a bioquímica e a escrita não parecem tão diferentes. “A primeira coisa que eu diria é que as palavras são intensamente físicas para mim. Acho palavras e linguagem mais próximas à carne do que às ideias” (Haraway, 2015, p. 7).

Haraway gosta de se dedicar às situações e histórias que a princípio poderiam ser enquadradas e julgadas somente como situações de objetificação e sujeição social - aquelas suscitadas, por exemplo, pela *informática da dominação* (Haraway, 2013), para experimentar avaliá-las de uma outra maneira e perguntar: o que mais está acontecendo para além da dominação e da sujeição



social? O que há nessas situações que talvez nós estejamos descartando por conta do nosso modo de julgar antecipadamente essas situações? Por isso a filósofa faz a defesa dos saberes situados: somente quando postos em relação é que as potencialidades outras dos corpos viventes vão emergir: num saber situado, parcial e corporificado, a ser perseguido, segundo Haraway, “pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece” (Haraway, 1995, p. 33). Nesse ínterim é que nascem as alteridades radicais, que Haraway nomeia como alteridades significativas (Haraway, 2021).

Por isso o interesse desta filósofa da ciência pelas chamadas “criaturas de fronteira”: o primata (como a primatologia põe em xeque a excepcionalidade humana relacionada à linguagem e à cultura), o ciborgue (e a quebra de fronteiras entre o humano e o não-humano proposta pela cibernética), o oncomouse (rato de laboratório modificado geneticamente para colaborar com os estudos sobre o câncer) e as Camilles (ser interespécie misto de humano e borboleta monarca presente na ficção científica).

É por essa via que Haraway pesquisa as relações entre os viventes - seja nos laboratórios científicos e experimentais, na literatura ou na mitologia - buscando histórias, práticas de cuidado, de atenção e de responsabilidade que não se baseiam na identificação ou na semelhança, mas numa *partilha não-mimética* (Haraway, 2011) de uma mesma situação da qual podem nascer novas possibilidades de solidariedade política entre os corpos viventes.

Devolver o mistério ao humano

“Chegamos a esse momento crucial em que é preciso aprender a reinventar tudo: os conceitos, as abordagens, os hábitos, os métodos, as ferramentas, as nações, os espaços... Tudo, hoje, deve ser reinventado. É a única possibilidade que nos resta para evitar o cosmocídio de nosso planeta” (Tansi *apud* Bona, 2020, p. 9).

Em 1992, o poeta e escritor *kongo* Sony Labou Tansi escreveu uma carta endereçada às “gentes do Norte e companhia”. Com a *morte do pensamento à espreita* e o *fim do sonho batendo à porta* (Tansi *apud* Bona, 2020, p. 9), há uma destruição em jogo que deseja desconectar-nos do mundo e de nós mesmas. É desse modo que Gilles Deleuze (1997), na companhia da ficção de D.H. Lawrence, define o Apocalipse: a destruição das conexões vitais, cósmicas, que nos mantém vivas. O cuidado



e a atenção às relações e aos vínculos entre os viventes defendidos pelos autores/as que mobilizamos no presente artigo emerge então como uma tarefa política urgente.

Em meio à brutalização, à guerra e à destruição, as *cosmopoéticas* constituem-se como refúgios (Touam, 2020) para a pulsão criadora que atravessa todos os viventes. Refúgios diante dos processos de homogeneização promovidos pela própria destruição. Cosmopoética (Bona, 2020) que diz respeito à apreensão do mundo como totalidade viva, a intuição de que todos os elementos que nos cercam, nos atravessam e nos compõem - o vegetal, o mineral, a água, o ar, as ondas magnéticas, se correspondem, se entrelaçam e formam um único e mesmo cosmos.

“A cosmopoética é a forma primeira da ecologia: uma ecologia dos sentidos e da imagine-ação pela qual pajés, ngangas, mães de santo, bruxas neopagãs e outros mestres do invisível estabelecem um diálogo obscuro, tecido de metáforas, com o conjunto de tudo o que vibra” (p.10, 11).

As cosmopoéticas permitem a escuta das ressonâncias, a comunicação que se faz no plano dos corpos e dos afetos e entre as *Gentes do Sul* diferentes das Gentes do Norte mencionadas por Soni Labou Tansi: as Gentes do Sul que habitam a África em seu devir planetário, que sobrevivem às ruínas, à destruição e trabalham para intensificar a vida de animais, plantas, espíritos, minerais, objetos, cujas existências estão sendo testemunhadas por maneiras distintas de pensar, escrever, pintar, desenhar, falar, sentir, escutar, seja através da reativação do animismo, da valorização dos sonhos como modo de conhecimento, dos estudos multiespécies, das ficções, dos modos de vida, conhecimento e pensamento indígenas e quilombolas, das religiões de matriz africana, dos devires afro-indígenas, das políticas vegetais.

Todo um pluriverso que está multiplicando a Natureza em naturezas-culturas, o Mundo em mundos transversais, coexistentes, a Realidade em múltiplas, infinitas dimensões cuja legitimidade e direito à aparição e à existência precisam ser defendidos justamente por não se configurarem dentro das condições de possibilidade que estão dadas pelos poderes, saberes e modos de subjetivação que configuram a máquina antropológica chamada Antropoceno.

Se as *Gentes do Norte* defendem a permanência suicida da brutalização da vida, as *Gentes do Sul* lutam pelas cosmopoéticas nas quais não há somente vidas em risco de extinção mas alteridades radicais por nascer em novas vidas, novos modos de viver. “É por isso que, na definição de uma política em prol do bem do mundo mais além do humano, pensar e sanar são indissociáveis”, afirma



Achille Mbembe (Mbembe, p. 60). As cosmopoéticas podem reativar a potência criadora dos corpos levando a partilhas e modos de solidariedade mais amorosos e que não estejam baseados somente na identificação, mas na afirmação do direito de diferir de si mesma, do direito à opacidade. Essa reativação faz com que a clínica, segundo Mbembe, seja de ordem cósmica ao buscar compor e curar todos os corpos do mundo em suas relações (Mbembe, 2020).

As ressonâncias cosmopoéticas e as alteridades radicais servem, então, ao propósito da vida que é multiplicá-la, fazê-la proliferar, florescer, diferenciar-se continuamente de si mesma, dignificando a força vital de criação que atravessa todos os viventes, devolvendo, assim, o mistério ao humano.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto**. O homem e o animal. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2021.

BARRETO, Marcio. Percepção e realidade. **ClimaCom [online]**, Campinas, ano.4, n.9, Ago. 2017. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288> Acesso em 10/12/2022.

BONA, Dénètem Touam, **Cosmopoéticas do Refúgio**. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia, volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

ESHUN, Kodwo; PATERNIANI, Stela. Captura de movimento (entrevista). **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 12, 2022. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17352>. Acesso em 22 dez. 2022.

GLISSANT, Édouard, Costa, K. P., & Groke, H. de T. (2008). Pela opacidade. **Revista Criação & Crítica**, (1), 53-55. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124>

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.



HARAWAY, Donna; GOODEVE, Thyrza Nicols. Fragmentos: quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. Dossiê Tecnologia, Corpos, gênero e sexualidade. **Mediações**. Londrina: Vol 20, Jan/Jun 2015.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol.17, no.35, Jan./June 2011.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tomaz Tadeu (org). **Antropologias do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009, p. 33 a 118.

LAPOUJADE, David. **A Alteração dos Mundos** - Versões de Phillip K. Dick. Traduzido por Hortencia Lencastre. São Paulo: n-[1] edições, 2022.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: Editora Sesc São Paulo; n-[1] Edições, 2014.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-[1] edições, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-[1] edições, 2018. Tradução de Sebastião Nascimento.

NOVELLO, Mario. **O universo inacabado**: a nova face da ciência. São Paulo: n-[1] edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Testo Yonqui**. Espanha: Espasa Libros, 2008.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-[1] edições, 2018.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Às voltas com Lautréamont**. São Paulo: n-[1] edições, 2019.

SANTOS, Laymert Garcia dos. A informação após a virada cibernética. In: SANTOS, Laymert G.; KUCINSKI, Bernardo; KHEL, Maria Rita; PINHEIRO, Walter (orgs). **Revolução tecnológica, Internet e socialismo**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 9-34.



SANTOS, Laymert Garcia dos. A experiência da agonia. In: SANTOS, Laymert Garcia dos. **Tempo de Ensaio**. São Paulo: Companhia da Letras – Editora Schwarcz, 1989. pp. 13 a 34. Disponível em: <https://www.laymert.com.br/experiencia-da-agonia/> (Acesso em 10/12/2022).

SARR, Felwine. **Afrotopia**. São Paulo: n-[1] Edições, 2019. Tradução de Sebastião Nascimento.

WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismo**. São Paulo: Todavia, 2021.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] Professora da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Unicamp. Atualmente é Diretora Adjunta de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (DCult/ProEC) da Unicamp. E-mail: carolcr@unicamp.br

[2] Alain Badiou, Judith Butler, Slavoj Žižek e Jacques Rancière são os autores mencionados por Lazzarato (Lazzarato, 2014).

[3] “Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria - a cripta viva do capital. Porém - e esta é sua patente dualidade, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até mesmo no ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente” (Mbembe, 2018, p. 21)

[4] Sobre o afropessimismo, veja-se Wildersson III, 2021.

[5] Sobre o afrofuturismo, veja-se Eshun; Paterniani, 2022.

[6] Sobre o afropolitanismo, veja-se Saar, 2019.

[7] Expressão utilizada por Haraway (2013).
